

The background is a complex, multi-layered illustration. At the top, a hand is shown holding a lush, green landscape. In the center, a large, ornate cathedral with a tall spire and a flag on top is visible. The scene is set against a bright, hazy sky with a large sun or moon. The overall style is artistic and colorful, with a focus on nature and architecture.

Pesquisador

Rogério Gomes Bossois

Revisão: Débora Zupeli Bossois

3ª Revisão

Setembro/2013

Distribuição livre

www.encontroscomaluz.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Capítulo I

Conta-se que, muito tempo atrás, um pesquisador resolveu fazer um estudo sobre o que a humanidade cultivava normalmente em suas vidas. Como o assunto era muito extenso, resolveu o pesquisador limitar um pouco a abrangência do seu estudo, por isso decidiu selecionar apenas os três melhores e os três piores cultivos humanos.

Com o objetivo já traçado, iniciou ele sua jornada de pesquisa, percorrendo todos os cantos do planeta procurando os exemplos que desejava incluir em sua pesquisa. Em sua caminhada sempre atenta de pesquisador nato que era, foi encontrando muitas espécies de cultivos feitos pela humanidade. Por todo canto via plantações diversas; árvores grandes, frondosas ou alongadas; arvoredos menores; ervas de todos os tipos; trepadeiras e cipoeiras variadas, entrelaçadas nas árvores. Algumas floridas... Outras não... Algumas produzindo frutos com polpas... Outras somente amêndoas despulpadas... Enfim, a variedade cultivada pela humanidade era realmente muito grande e diversa. E ele se maravilhava com o que ia vendo.

Mas ele não procurava as plantações comuns; buscava, sim, as que tivessem a representação que ele desejava para suas pesquisas. Assim foi que, depois de andar algum tempo, logo deparou com um tipo de cultivo muito frequente. Por todo lugar que andava, encontrava aquele tipo de erva rasteira que se espalhava com muita facilidade, ocupando áreas muito grandes. Exibiam pequenas flores, sem muita elegância, diria até sem graça. Quase sem perfume algum, somente bem próximo conseguia-se sentir seu leve aroma desconfortante, não totalmente desagradável. Por isso observou que não atraíam muitos seres da natureza. Raros insetos procuravam suas flores, tampouco os alados, aparentemente devido à falta de doçura do seu néctar. Pássaros não demonstravam grande interesse por suas frutas, pequenas e amargas, ligeiramente voltadas para acidez. O que conseguiu ver foram apenas alguns tipos de insetos rastejantes, pululando à sua volta, comendo suas frutas pequeninas. Pareciam até gostar delas, apesar do seu amargor.

Apesar da falta de beleza de suas flores e do gosto pouco interessante de seus frutos, ela se desenvolvia e florescia abundantemente em qualquer tipo de solo, espalhando-se com facilidade por todo lugar. Aparentemente, era muito resistente à seca, pois foi encontrada em terrenos áridos, quase desérticos; contudo, dava-se muito bem em locais mais úmidos também. Chegou inclusive a observá-la, espalhada com abundância, em locais frios, coberto por neve. Era realmente muito resistente e se desenvolvia por toda parte.

Em razão da sua abundância por todo lugar em que andava, logo se interessou por ela e passou a pesquisá-la mais atentamente para descobrir que erva, afinal, era aquela. Depois de muito perguntar, aqui e ali, a todos que a plantavam, descobriu finalmente seu nome: tratava-se da **erva da ignorância**.

Observou que onde ela florescia poucas outras conseguiam desenvolver-se naturalmente. A exceção era um pequeno arbusto muito belo e frondoso, que teimava em lançar sua sombra naqueles campos longínquos, cobertos pela erva. Assim passou a observar por onde andava, se havia algum modo de erradicá-la ou modificá-la, substituindo-a por outras mais interessantes e agradáveis. Logo descobriu uma das melhores maneiras: viu, aqui e ali, alguns cultivadores humanos, com expressões de bondade na face, plantando um tipo de gramínea ramada,

também rasteira, mas de folhas largas, que desenvolviam pequenas flores, coloridas e alegres, atraindo muitos insetos alados interessados em seu néctar adocicado; produziam pequenas vagens com muitas sementes arredondadas, aparentemente muito apreciadas pelos animais da natureza, que se reuniam aos muitos à sua volta; muito resistente e se adaptava muito bem em meio àquelas ervas, onde sobrevivia heroicamente; modificava a qualidade do solo, cobrindo lentamente as ervas à sua volta, com suas ramagens longas, abafando-as, transformando-as. Esses cultivadores normalmente iniciavam o seu plantio sob a sombra daquele belo arbusto, que ali florescia teimosamente. Mas, observou o pesquisador que seu avanço sobre as ervas era sempre muito lento e gradativo, apesar de contínuo e insistente. Perguntando a todos que encontrava, ficou sabendo tratar-se da **gramínea da paciência**. Os mais idosos informaram-no, inclusive, que seus ancestrais cultivavam essa gramínea com muita dedicação e carinho, pois adoravam sua simplicidade e a beleza de suas pequenas flores perfumadas.

Apesar de não ser ela um cultivo com a representatividade que ele procurava, anotou toda informação que conseguiu, com carinho e admiração, sobre aquela gramínea tão bela e interessante.

Já cansado das longas caminhadas, procurou repouso sob bela árvore frondosa, enquanto completava suas anotações sobre o primeiro dos piores cultivos praticados pela humanidade – a erva da ignorância. Estava muito satisfeito. Suas pesquisas acabavam de ter o início desejado.

Capítulo II

Descansado e com os ânimos recobrados, reiniciou sua procura, andando, como antes, por toda parte, observando e analisando tudo que via. Logo deparou com algumas árvores, plantadas destacadamente, aqui e ali. De aparência robusta, causando, inclusive, certo respeito de quem por elas passavam. Altiava, irreverente, com sua folhagem dura de cor verde escuro, quase opaco. Suas flores eram de aparência rebuscada, mas, mesmo com sua sofisticação, não se poderia dizer que eram belas, pois não apresentavam os traços luminosos da beleza. Exalavam um aroma ligeiramente desagradável que causava certo incômodo em quem a cheirava de muito perto. Os frutos, de cor opaca, apresentavam certo grau de beleza e certa pompa, era vistoso; mas sua casca era dura, difícil de ser arrancada, e a polpa, bastante amarga. Quem a experimentava sentia logo seu amargor espalhando-se pela boca.

Viam-se alguns insetos alados e pássaros voando ao seu redor, mas normalmente não ficavam por ali muito tempo. Logo se afastavam ao perceberem que seus frutos eram de difícil perfuração, devido à rigidez de sua casca; além de sua polpa ser muito amarga, e suas flores apresentarem pouco néctar, um tanto sem doce.

Observou que ela se desenvolvia em qualquer ambiente e não se importava muito com as vizinhas mais próximas – sempre lançava sua sombra incômoda sobre elas, abafando-as e dificultando o seu desenvolvimento normal. As menores, coitadas, sofriam sob seu domínio arrogante.

Interessado por esta árvore e decidido a incluí-la em sua pesquisa, o pesquisador passou a observá-la mais atentamente, procurando conhecê-la o melhor possível para compor suas anotações. Assim descobriu que ela era também bastante frequente e encontrava-se cultivada em muitos lugares por onde passou; sempre com sua aparência robusta, mas quase sempre solitária. Difícilmente encontrava outras espécies à sua volta e, quando acontecia, normalmente eram vegetações mais fracas e simples, sem muitas flores ou frutos que pudessem atrair os seres da natureza, sempre subjugadas por ela. Isso a tornava isolada, um tanto triste por assim dizer.

Perguntando a todos que encontrava, descobriu tratar-se da **árvore do orgulho**. Inclusive, deparou certo dia com um cultivador com olhar de sabedoria que lhe explicou que, normalmente, quem as plantava não tinha noção exata do que estava fazendo. Que as plantava sem saber das suas características futuras, danosas para a natureza. E assim ela se multiplicava por todos os lados.

Mas caminhando aqui e ali, perguntando a este e àquele, ficou sabendo que alguns humanos mais amorosos, às vezes, plantavam à sua volta um pequeno arbusto, muito delicado, maravilhosamente ornado por belíssimas flores coloridas e que produziam pequenos frutos incrivelmente doces; muito visitados pelos insetos e pássaros, que pareciam adorar suas flores e frutos. Logo foi informado tratar-se do **arbusto da humildade**.

Onde se via uma árvore do orgulho com alguns destes arbustos ao redor, percebiam-se prontamente animais da natureza se aproximando, buscando suas flores e frutos, e, assim, fazendo com que a árvore do orgulho se tornasse mais agradável, menos arrogante. Muitos

pássaros, inclusive, passavam a procurar seus longos galhos para ali construírem seus ninhos. E percebeu que, com o retorno dos animais da natureza, as vegetações mais simples existentes à sua volta, sob seu domínio, eram também beneficiadas por aquela mudança benfazeja, pois os animais, em grande número, que por ali passavam a circular, acabavam adubando o solo, fortalecendo-as. E isso, de modo geral, acabava por melhorar aquele ambiente triste, colocando um pouco de movimento e alegria no seu entorno.

Apesar de este arbusto não ser também fonte de seu interesse principal na pesquisa, anotou tudo que conseguiu saber sobre ele, interessadamente. E, novamente, procurou repouso à sombra de uma árvore enquanto ajustava e organizava suas anotações. Sentia-se feliz interiormente, sua pesquisa estava se desenvolvendo de forma satisfatória.

Capítulo III

Ao iniciar novo dia, já disposto para novas andanças, o pesquisador saiu novamente à procura do próximo cultivo humano. Caminhava decidido, determinado a encontrá-lo para dar seguimento à sua pesquisa. Em sua caminhada, desde o início, de vez em quando passava por algumas árvores ou arvoredos, com um tipo estranho de folhagem escura à vista sobre suas copas. Isso desde o início despertava sua atenção, mas como tinha um objetivo definido, não parou para analisar mais detalhadamente. Mas agora, com sua pesquisa já em andamento, e porque via com frequência essa estranha situação por onde andava, resolveu analisá-la mais atentamente. Assim, parou sob uma árvore em que via aquela folhagem escura e iniciou seus estudos. Perguntava a todos que encontrava, mas poucos a conheciam efetivamente. Uns falavam isso, outros falavam aquilo, mas nunca tinham uma explicação realmente precisa e lógica. Por isso continuava sua pesquisa, sempre perguntando, sempre observando suas características aparentes.

Em observações mais atentas, percebeu tratar-se de um tipo de cipó, que brotava perto das raízes das árvores mais simples e subia pelos seus caules e galhos, enroscando-se à sua volta, apertando-os, quase enforcando. Quanto mais crescia, mais grossos e fortes eram seus braços em volta dos galhos das pobres árvores, que se asfixiavam na medida em que ele se desenvolvia. Suas folhas eram muito escuras e, em razão disso, quando atingiam a copa das árvores e se espalhavam muito, impediam os raios solares de chegarem às folhas das suas vítimas, que se enfraqueciam cada vez mais. Não tinha flores como os demais cultivos que conhecera antes; era um tipo de grumo espinhoso e oco, sem cor, sem nenhuma beleza. Olhando mais atentamente percebeu que esses grumos, às vezes, prendiam pequenos insetos desavisados que entravam em seu interior, onde se debatiam até a morte. Não gerava nenhum fruto, motivo suficiente para ser rejeitado pelos animais; alguns, inclusive, tinham medo da sua presença assustadora. Em consequência disso, os insetos e pássaros que viviam nas árvores vítimas logo se afastavam, deixando-as solitárias, entregues ao seu triste destino.

A visão era realmente piedosa. Tinha visto, em sua busca, muitas árvores, pequenas e grandes, sendo dominadas. Algumas já em final de vida, com seus galhos enfraquecidos, macérrimos, esperando somente o final trágico já esperado.

Perguntava a todos que encontrava, desejando classificar aquele cultivo temível. Até que finalmente um senhor com ares de maior experiência de vida disse-lhe tratar-se do **cipó do ódio**. Inclusive o alertou para ter cuidado com ele. Seu caule, quando ferido, expelia um visgo pegajoso, extremamente venenoso.

Sempre que perguntava sobre como combater este cipó danado, respondiam não conhecer nenhuma maneira. Alguns inclusive falavam em sacrificar as árvores dominadas, cortando-as pela raiz, e atear fogo junto com o cipó que as envolvia. Segundo eles, era a única maneira de erradicar o cipó do ódio.

Isso deixava o pobre pesquisador com a alma entristecida. Não se conformava em ver aquelas pobres árvores sendo arrancadas e queimadas pelos cultivadores humanos. A cena era pesarosa e lamentável por demais. No fundo de sua alma entristecida, ainda tinha esperança de encontrar alguma outra maneira. Mesmo angustiado, entretanto, tinha que continuar suas

pesquisas, por isso afastou-se da árvore que estava estudando, já dominada pelo cipó do ódio, e procurou outra, livre dessa desgraça, sob a qual pudesse descansar e organizar suas anotações. Especialmente agora, encontrava certa dificuldade em organizar seus textos, de tão abatido que estava com o que acabara de ver. Mas ele tinha um objetivo traçado e não podia desanimar. Assim procurou descansar, o melhor que pôde, visando recobrar os ânimos para o dia seguinte.

Capítulo IV

Ao surgirem os primeiros raios do sol, o pesquisador despertou, meio cansado das pesquisas anteriores, sentindo ainda os efeitos da tristeza que havia vivenciado dias antes, mas mesmo assim estava disposto a seguir adiante. Afinal tinha um compromisso definido e sentia-se na obrigação de concluí-lo.

Logo se refez, enchendo sua alma de novos ânimos e foi à luta. Já havia catalogado os três piores cultivos humanos. Agora iria iniciar a busca dos três melhores. Sentia no fundo da alma que, provavelmente, suas buscas seriam melhores e menos desgastantes. Mas tudo era incerto, e tinha que seguir em frente para se certificar.

Depois de algum tempo caminhando, começou a observar, aqui e ali, uns arbustos muito floridos e belos. Claro que isso chamou sua atenção. Seria esse o primeiro? – Perguntava-se. Mas não podia assumir isso sem antes analisar criteriosamente, por isso, continuava a busca, sempre observando tudo que encontrava. Na medida em que caminhava, deparava-se com mais exemplares desse arbusto com suas belas flores, dispersos pelos campos por onde andava. Normalmente não os via formando grandes bosques, sempre os encontrava espalhados. Uns aqui, outros ali... E isso, é claro, chamou ainda mais sua atenção. Até que decidiu que seria ele o primeiro da lista dos bons cultivos humanos. Afinal ele era muito florido e tinha uma beleza singela e acolhedora. Apesar de pequeno, comparado com as grandes árvores que já havia encontrado, ele apresentava uma beleza especialmente graciosa. Pequeno no porte, mas enorme na florescência. Sim. – Decidiu. Seria esse!

Imediatamente iniciou suas análises mais detalhadas. Chegando mais próximo, observou que suas folhas eram de um verde brilhoso, muito belo e harmonioso. Suas flores, maravilhosamente coloridas, emitiam um perfume suave, delicioso. Ao sentir seu agradável aroma de perto, sentiu-se como se flutuasse nas nuvens, tamanho o prazer que aquele perfume divino lhe proporcionava. Em seus galhos delicados e longos, como braços abertos à espera de quem os quisesse abraçar, viam-se pequenos frutos rosados, de forma arredondada, com polpa deliciosamente doce e agradável. Pretendia experimentar somente um para conhecimento, mas não resistiu e deliciou-se com vários, sentindo-se fortalecido com aquele alimento adocicado como mel. Enquanto se deleitava com seus frutos, pôde observar que muitos pássaros e insetos voavam à sua volta, buscando suas flores ou seus frutos. Observou também que vários pássaros faziam, em seus aconchegantes galhos, seus ninhos, de onde ouvia o constante piar dos seus filhotes.

Bom... Era preciso identificá-lo. Assim começou a perguntar a todos que via pelas redondezas se o conheciam. Não demorou a encontrar alguém que o reconhecesse. Era o **arbusto da esperança**, disse-lhe um senhor sorridente, muito amável, que avistou próximo dali.

Voltando a atenção para suas anotações anteriores, lembrou que havia visto alguns desses arbustos florescendo com magnífica beleza, em meio às planícies repletas de ervas da ignorância; e que era sob sua sombra que alguns cultivadores iniciavam o plantio da gramínea da paciência, com o objetivo de erradicar a ignorância daquelas paragens. Essas gramíneas pareciam encontrar em sua sombra as forças necessárias para sua persistência.

Isso também o fez lembrar que em suas caminhadas havia encontrado esse belo arvoredo resistindo bravamente ao cipó do ódio. Era impressionante observar a sua determinação... Era incrível vê-lo lutando, anos a fio, diante do domínio do mais temível cultivo humano que havia encontrado em suas caminhadas. Alguns, inclusive, conseguiam sobreviver até o dito cipó se tornar velho e sem forças para continuar exercendo seu domínio. Mas isso era raro. Notara somente pouquíssimos casos semelhantes.

Desta vez não precisou procurar uma árvore para descansar. Ficou ali mesmo, sob aquele belo arbusto florido e perfumado, analisando suas anotações, procurando se certificar de que não esquecera nada importante. Com a chegada da noite, cochilou por ali mesmo, procurando buscar no descanso, sob o manto fresco do céu estrelado, novas energias para a próxima pesquisa. Sentia-se distintamente alegre. E, naquela noite em especial, teve belos e luminosos sonhos.

Capítulo V

Os raios do sol, especialmente naquela manhã, acariciaram sua face com delicadeza, despertando-o. Estava feliz, muito alegre. Levantou-se, cantarolando antiga canção que sempre ouvia sua mãe cantar quando criança. Ajeitou seu material de trabalho em sua mochila e partiu em busca do próximo cultivo humano. Estava ansioso para encontrá-lo. Como seria? Seria tão belo e formoso quanto o arbusto da esperança, que tanto gostara? – Perguntava-se intimamente. Os frutos que comera nos dias anteriores pareciam tê-lo enchido de esperança para o futuro.

Com entusiasmo, recomeçou sua caminhada, observando tudo à sua volta, com o olhar mais apurado e atento. Seria efeito daqueles frutos deliciosos? – Perguntava-se. Assim foi que, de súbito, viu-se diante de extensa planície, coberta por uma relva delicada e muito bela. O vento, ao soprar um pouco mais forte, causava lindas ondulações naquela imensidão. Aquela extensa planície de relvas, ondulando ao sabor do vento, mais parecia um oceano calmo e plácido, convidando os antigos navegadores a se aventurarem em seu leito carinhoso. A vista era maravilhosamente bela e prazerosa. Por ali ficou horas, contemplando aquela beleza da natureza. Aquela imensidão lhe trazia um sentimento muito gostoso, que não conseguia identificar corretamente. Assim, contemplativo e satisfeito com o que via, decidiu que este seria o próximo cultivo para sua pesquisa.

Aproximou-se um pouco mais, entrando naquela relva maravilhosa. Logo observou que ela apresentava pequeninas flores de um branco extremamente claro. Compreendeu que era o branco de suas flores e o verde amarelado de suas longas e retilíneas folhas que, ao entardecer, refletiam os raios solares, gerando um fulgor dourado esplêndido, que acalmava qualquer alma que andasse por ali. Não tinha como não parar para admirar aquela beleza maravilhosa.

Via muitos insetos alados, buscando suas pequeninas flores brancas, esvoaçando alegremente naquela imensidão. Notou que as mais adultas apresentavam em seus pendões muitas sementinhas, freneticamente procuradas pelos pássaros que voavam em bandos, por todo lado, alegrando aquelas planícies com seus cantos harmoniosos. Encontrou também, nas áreas onde esta relva se desenvolvia em abundância, muitos animais herbívoros, caminhando em grandes manadas, alimentando-se de suas folhas suculentas e ricas em minerais e outras substâncias vitais.

Observou que muitos cultivadores caminhavam por essas pradarias colhendo seus pendões com sementes. Informaram-no que elas, quando bem trituradas, forneciam uma massa majestosa, utilizada para produzir o bom alimento de cada dia para todos daquelas regiões. Isso o fez lembrar, muito feliz, que séculos atrás o maior dos cultivadores que a humanidade havia conhecido fizera bela referência a este alimento em uma de suas mais lindas orações.

Estava tão empolgado e entretido com suas análises naqueles campos, que não queria desviar sua atenção à procura da classificação para suas pesquisas. Mas era necessário. Por isso começou a perguntar a todos que encontrava, e logo o informaram tratar-se da **relva da paz**. Inclusive um senhor, com olhares de sabedoria, informou-o que há décadas não se via, naqueles campos imensos em que estava no momento, uma só florescência das ervas

daninhas da intrica e nem dos capins danosos da ira e da revolta, pois, segundo ele, em meio a essa graciosa relva eles não conseguiam florescer. Por ali só reinava a imensidão da relva da paz.

Satisfeito e radiante de felicidade com o que estava contemplando, procurou nos arredores uma frondosa e bela árvore e para lá se dirigiu para seu descanso. Enquanto analisava atentamente suas anotações, pôde observar à sua volta várias espécies de animais, pastando pacificamente por todo lado, e muitos pássaros cantando alegres enquanto procuravam se acomodar em seus ninhos. Sentia-se instalado confortavelmente em pleno paraíso. Ali mesmo, ajuntou uma porção daquela maravilhosa relva, formando um pequeno colchão e deitou-se feliz, contando displicentemente as estrelas no céu infinito, até adormecer tranquilamente, em paz consigo mesmo.

Capítulo VI

O pesquisador despertou feliz aos primeiros raios solares e, ao lançar os olhos para o horizonte, ficou encantado com a beleza diante de si: o sol refletia naquela relva orvalhada por gotículas d'água, como cristais depositados ali carinhosamente por anjos celestiais, derramando sobre toda planície luzes multicoloridas, que o deixavam maravilhado com toda aquela beleza natural. Parecia que o céu o presenteava, naquela manhã especial, preparando-o para as novas experiências que estariam por vir. Respirou fundo aquele ar sublime da manhã, agradecido àquele colchão maravilhoso que a natureza lhe havia oferecido para seu descanso, e preparou-se para seguir em busca do cultivo que faltava para encerrar suas pesquisas. Estava exultante. Se os dois últimos tinham sido tão maravilhosos, o que esperar do próximo? Haveria de ser algo muito especial, com certeza. Com a alma leve e feliz iniciou sua jornada.

Foram longas horas de caminhada até deixar aquele prado magnífico. E nessa caminhada foi avistando com alguma frequência umas árvores muito belas e frondosas, que apresentavam flores de um vermelho sublime, muito brilhante e vivo. Por algum motivo que não sabia ainda explicar, sentia-se confortável com sua proximidade. Logo mais à frente, entrou em uma região com uma vegetação bastante acolhedora, rodeada por várias dessas árvores; não se conteve e aproximou-se com interesses sinceros de verificar de perto que cultivo seria aquele que chamava tanto sua atenção. Para sua agradável surpresa, após observá-las mais atentamente, lembrou-se de já tê-las visto anteriormente. Mais do que isso, já havia se beneficiado de sua majestosa sombra em muitos momentos, tanto para descansar e renovar suas energias, quanto para buscar inspiração e a dar prosseguimento às suas anotações. Estava convicto de que ela seria a última para sua pesquisa.

Ao chegar até ela, pôde ver claramente que suas flores eram realmente muito belas, de uma cor extremamente viva, que transmitia conforto e paz. Seu perfume parecia essência angelical, que o acariciava no fundo d'alma e o fazia lembrar de sua infância, no colo carinhoso de sua mãe querida. Que sentimentos maravilhosos seriam esses que vinham até ele sob a sombra dessa linda árvore? – Perguntava-se feliz.

Aproximando-se de umas e de outras, pôde observar que seus frutos eram magníficos, grandes e volumosos, de um tom avermelhado em sua parte superior e ligeiramente rosado no extremo inferior, mais pareciam um coração pulsando energia e vitalidade. Colheu carinhosamente um e pôs-se a saboreá-lo. Percebeu que apenas um desses frutos era mais do que suficiente para saciar qualquer um.

Embevecido com aquele aroma divino e satisfeito com o néctar do seu fruto, observou com calma que os insetos e os pássaros voavam por seus galhos, procurando ora suas flores ora seus frutos. Muitos pássaros se juntavam a apreciar um único fruto, dividindo aquele sabor adocicado, calmamente. Não havia necessidade de disputá-lo, visto o seu tamanho e a abundância deles por todos os galhos. Pelo chão, viam-se muitos animais em busca dos frutos caídos, saboreando sua polpa suculenta e maravilhosa. Estava exultante de felicidade. Que maravilha aquela que encontrara! Tinha que catalogá-la em sua pesquisa e divulgar a sua existência por todos os lugares por onde passara. Sentia-se na obrigação de levar consigo o

máximo que pudesse de suas sementes para distribuir por todos que conheceria em suas caminhadas.

Assim feliz e alegre, começou a procurar alguém que pudesse informar que espécie divina seria aquela. Não precisou andar muito. Logo encontrou uma senhora muito delicada e gentil que o informou tratar-se da **árvore do amor**. Foi aí que compreendeu o sentimento que o animava quando iniciou seus estudos sobre esse maravilhoso cultivo humano – era o amor que visitava seu coração de aprendiz.

Feliz e radiante, continuou suas andanças observando, com carinho, todos os lugares onde encontrava esta maravilha sendo cultivada. Num dado momento observou um cultivador plantando uma delas próximo de uma árvore vítima do cipó do ódio. Não conseguiu entender o motivo daquilo... Por que plantar uma árvore tão bela como aquela ao lado de uma dominada por tão temível cipó?! Seria logo dominada também; sua vida estaria com o destino traçado. Não teria nenhuma chance de sobreviver ali. – Pensava, aflito. Chegando próximo ao cultivador, questionou-o sobre o caso, no que lhe explicou que essa era a única maneira de controlar aquele cipó danado. Contou-lhe que, há muito tempo, havia observado que aquele cipó não conseguia sobreviver abraçado aos galhos de uma árvore do amor. Ele se enfraquecia na medida em que lançava seus braços adiante. Ficava confuso... Sentia uma espécie de remorso, toda vez que apertava seus braços num galho daquela árvore. E isso o debilitava gradativamente. Por isso, sempre que encontrava algum cultivo dominado por um daqueles cipós, imediatamente plantava uma árvore do amor bem próximo e esperava que o cipó lançasse seus braços temíveis sobre ela. Com isso ele enfraquecia e, não só se afastava da árvore, como também abandonava o pobre cultivo dominado, deixando-o novamente livre para florescer e oferecer seus frutos a todos da natureza.

O pesquisador estava exultante, finalmente conhecia uma maneira de controlar o cipó do ódio, o mais temível cultivo da humanidade que havia encontrado em suas peregrinações. Anotou essas informações, ligeiro, com o espírito irradiando alegria, decidido a distribuir estas orientações para todos os cultivadores que conheceria em suas caminhadas.

Ele, enfim, havia alcançado seu objetivo inicial. Depois de muitas andanças e muitas surpresas, documentou os três piores e os três melhores cultivos da humanidade. Com a alma feliz, retornou para o campo anterior onde saboreara um fruto do amor e procurou o aconchego de sua folhagem caída sobre o chão e ali mesmo ficou, confortavelmente, ajustando suas anotações até aquele momento e dando início às conclusões sobre suas pesquisas efetuadas em sua jornada pelo mundo afora.

Conclusão

O pesquisador estava feliz porque, apesar dos cultivos negativos que encontrara pelos caminhos de sua pesquisa, viu que sempre existia alguma maneira de melhorar os locais onde eles se desenvolviam. Sempre encontrava algum outro cultivo mais refinado e nobre que podia florescer ali, substituindo-os lentamente. Até para o cipó do ódio que, a princípio, considerou não ter como se combater, acabou encontrando a maneira adequada de controlar através da árvore do amor. Plantando-a onde o cipó se desenvolvia, os efeitos danosos e tristes do mesmo eram extintos, e assim a esperança podia florescer por perto, embelezando e perfumando o ambiente, trazendo de novo as flores da alegria e da felicidade à sua volta.

Estava realmente muito feliz, porque viu que não havia motivos para desânimo, mesmo em lugares onde germinavam os cultivos daninhos da humanidade. Se alguns cultivadores se dedicavam a sementeiras negativas, sempre haviam outros dispostos a trabalhar duro o solo, fertilizando-o para novos plantios de cultivos floridos e frutíferos. E onde esses floresciam, a beleza, a harmonia e a união da humanidade se faziam presentes.

Com isso, e vendo que seu trabalho de pesquisa havia terminado, resolveu o pesquisador retornar para sua terra natal e se transformar em cultivador. Para tanto, adquiriu uma área de terras afastadas do centro urbano, e começou a preparar mudas da **paciência**, da **humildade**, da **esperança**, da **paz**, do **amor**, e muitas outras semelhantes, com o objetivo de distribuí-las a seus irmãos de humanidade, na esperança de um dia ver toda terra cultivada somente por belas e produtivas plantas, que distribuíssem as luzes e o perfume de suas flores e as delícias de seu néctar a todos os seres do seu querido e adorado planeta.

Fim

